

O GÊNERO CONTO NO ESPAÇO EVAM¹

Glaubia Maria Martins da SILVA

Professora da Rede municipal de ensino de Porto Alegre - RS

Resumo: Neste artigo descrevo o resultado de uma intervenção pedagógica realizada em uma turma de 6ª série de uma escola pública de São Leopoldo – RS, composta por alunos multirrepetentes, a partir do modelo de Sequência Didática proposta por Schneuwly e Dolz(2004), pesquisadores citados nos Parâmetros curriculares de Língua Portuguesa. O trabalho desenvolvido com essa turma está ancorado na perspectiva teórica dos gêneros que tem origem em Bakhtin (2003) e é aprofundada por vários teóricos, dentre eles Marcuschi (2008, 2006, 2005), Rossi-Lopes (2006) e Bazerman (2006), e na teoria sociointeracionista de Bronckart(2003). O objetivo geral do trabalho é demonstrar que é possível, mesmo para alunos multirrepetentes da rede pública de ensino e que acumularam lacunas significativas na aquisição da língua, em particular da modalidade escrita, apropriarem-se de um gênero de cunho maias literário (conto) no processo de ensino e aprendizagem da língua, desde que a abordagem e o suporte de ensino sejam outros.

1 INTRODUÇÃO

Trabalhar com alunos multirrepetentes e também com problemas de natureza diversa (neurológicos, dependência química, delinquência, sócioafetivos), sem apoio da rede de ensino, apenas com a cobrança de resultados não é tarefa fácil, com certeza. Porém, a utilização de propostas

¹ EVAM (espaço virtual de aprendizagem) é como a rede municipal de São Leopoldo - RS chama os laboratórios de informática.

didáticas diferentes das usualmente utilizadas no ensino da língua materna parecem surtir efeito. Digo parece porque o ensino da língua carece de mais registro das experimentações metodológicas feitas pelo Brasil.

Nessa perspectiva, a intervenção pedagógica apresentada aqui foi fruto do desespero de quem necessitava cumprir seu dever de professor (ensinar e não reprovar) e também era cobrada pelos resultados: a aprendizagem significativa dos alunos. Nesse contexto e pela necessidade de buscar novas formas (metodologias) de ensino da língua, conheci a proposta de Sequência Didática dos autores suíços Schneuwly e Dolz(2004).

2 A ESCRITA EM SALA DE AULA: SAI A REDAÇÃO E ENTRA O GÊNERO

Conceber o ensino da escrita (produção textual) como uma das unidades de trabalho e, logo, suporte de aprendizagem do funcionamento da língua, exige nova metodologia que considere o modo de produção, o suporte de circulação, o público alvo da produção. Nessa perspectiva teórica, atribui-se à escola a função de ensinar as especificidades da escrita, sem negligenciar o conhecimento que o falante tem da língua e que é exercitado no dia a dia.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (1998) é importante se considerar tanto as situações de produção e de circulação dos textos como a significação que nelas é forjada e, naturalmente, a partir dessa proposta teórica, convoca-se a noção de gêneros² como um instrumento melhor que o conceito de “redação” para favorecer o ensino de leitura e de produção de textos escritos.

2.1 Gênero no espaço escolar

² O conceito de gêneros do discurso é melhor compreendido em Bakhtin (2003) e nos teóricos que estudam essa temática: Bazerman (2006), Marcuschi (2005).

Os autores suíços Schneuwly e Dolz (2004) afirmam que a escola, de certo modo, sempre trabalhou com a noção de gênero. Entretanto, a sala de aula, ou seja, a situação escolar é um desdobramento do espaço do gênero, pois ele (o gênero) tanto serve para comunicar como se transforma em instrumento de ensino-aprendizagem. Para esses autores, o gênero é um *megainstrumento* porque, segundo eles, serve tanto de suporte para a atividade de linguagem como de referência aos aprendizes.

Por isso, no espaço escolar, o aluno encontra-se diante do “como se”, uma vez que o gênero funda uma prática de linguagem em parte fictícia (já que a linguagem é utilizada com fins de aprendizagem) e em parte instrumental. E o instrumento, assim como o gênero, são objetos socialmente elaborados.

A partir dessas observações, Schneuwly e Dolz (2004) propõem não só uma revisão do trabalho escolar, mas também uma reavaliação do método que se utiliza para abordar o ensino da escrita. Os autores destacam a “tomada de consciência do papel central dos gêneros como objeto e instrumento de trabalho para o desenvolvimento da linguagem”. (Schneuwly e Dolz, 2004, p.80).

A tradição escolar diferencia gêneros a aprender dos gêneros para comunicar. Quando um gênero é inserido no espaço escolar, ele, forçosamente, sofre alteração, modificação de forma, sentido e, às vezes, de tema (assunto). Os autores suíços defendem que a escola deve colocar os alunos em situações de comunicação que sejam as mais próximas possíveis de verdadeiras situações de comunicação, que tenham sentido para eles, a fim de melhor dominá-las como realmente são, ao mesmo tempo sabendo, o tempo todo, que os objetivos são (também) outros. Não se pode esquecer que o gênero trabalhado na escola “é sempre uma variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem” (Schneuwly e Dolz 2004, p. 81), para funcionar numa situação cujo objetivo primeiro é ensinar. Para resolver esse impasse, Schneuwly e Dolz (2004) propõem a elaboração de modelos didáticos como forma de se construir um procedimento

escolar de ensino. Procedimentos que eles denominam *modelização didática* ou Sequências Didáticas³.

Sabe-se que o trabalho com os gêneros não é fácil, que exige novas e complexas formas de avaliação, porém toda introdução do gênero na escola é o resultado de uma decisão didática e, como tal, reflete-se de duas maneiras, tanto no trabalho do professor quanto no processo de aprendizagem do aluno: 1º) aprender a dominar o gênero possibilita melhor conhecê-lo e/ou apreciá-lo, facilitando a compreensão e a produção deste dentro ou fora da escola; 2º) desenvolve capacidades que ultrapassam o gênero em estudo.

Buscando atingir esses objetivos, testou-se a aplicabilidade do Modelo de Sequência Didática proposto por Schneuwly e Dolz (2004) no processo de ensino-aprendizagem da escrita do gênero conto.

2.2 Definição breve de conto

Sem pretender esgotar o conceito de conto, mas situar o leitor deste artigo, defini-se conto aqui de acordo com a *Wikipedia*:

o conto é a forma narrativa, em prosa, de menor extensão (no sentido estrito de tamanho). Entre suas principais características, estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total. O conto precisa causar um efeito singular no leitor; muita excitação e emotividade. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conto>, acessado em dezembro 2010).

Após essa definição de conto, os alunos foram convidados a ler contos diversos: folclóricos, de suspense, de terror/horror, de fadas, literários⁴ impressos ou publicados na rede.

³ O modelo de Sequência Didática descrito neste artigo é melhor discutido in: SILVA, G. M. M. da. *Prática de produção da escrita: um estudo da argumentação em textos de alunos da 5ª série*. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2009.

⁴ Como não é o objetivo deste artigo aprofundar a discussão sobre “o que é um conto literário?”, optou-se pela partição usual entre contos literários e não literários, apenas para efeitos didáticos.

3 HISTÓRICO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A intervenção pedagógica foi realizada em uma turma de 6ª série de uma escola pública de São Leopoldo – RS. Essa turma era composta por alunos multirrepetentes, além de contar com alunos com sérios problemas de concentração – hiperativos, disléxicos, além de dependentes químicos.

A intervenção pedagógica descrita neste artigo teve como pressuposto o modelo de Sequência Didática proposto por Schneuwly e Dolz (2004):

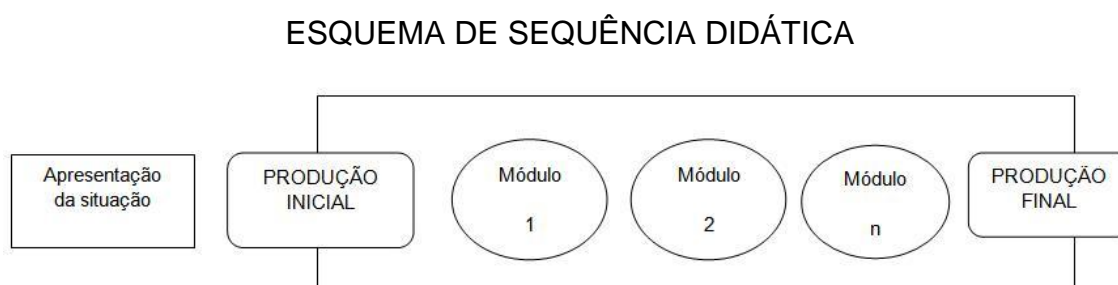


Figura 1. Esquema de sequência didática.
Fonte: Schneuwly e Dolz (2004, p.98)

O movimento da sequência didática vai do complexo (produção inicial) para o simples (módulo n). No fim, o movimento leva novamente ao complexo: a produção final. Porém, esse esquema de Sequência Didática, para efeitos teóricos-metodológicos propostos aqui, foi reelaborado e adaptado ao contexto pelo autor, conforme figura 2 (página 6).

O trabalho que resultou neste artigo foi desenvolvido durante doze (12) aulas de cinquenta minutos cada, distribuídas em sete (7) oficinas, conforme esquema da Figura 2 (apresentada e explicada na página 6). O esquema da intervenção pedagógica partiu da apresentação da situação inicial: escrever contos que seriam publicados na rede, através do *Blog*⁵ da escola.

Assim, apresentada a situação inicial, na oficina 1 (2 aulas), os alunos foram convidados a ler dois contos de Lygia Fagundes Telles: “As formigas” e

⁵ No momento da escrita deste artigo, o *Blog* da escola estava desativado. A secretaria da escola informou que os trabalhos dos alunos foram gravados em CD e guardados.

“Natal na barca”. Na oficina 2 (1 aula) os alunos leram contos, a escolha deles, disponível na biblioteca da escola e também na *internet*⁶. Na oficina 3 (2 aulas), em trios ou duplas, escreveram e ilustraram seus contos em sala de aula. Na oficina 4 (1 aula), leram contos diversos (de fadas, fantástico, maravilhoso, folclórico) na *net*. Na oficina 5 (2 aulas), nos mesmos trios escolhidos na oficina 3, escreveram, reescreveram, ilustraram os contos deles. Para finalizar, nas oficinas 6 e 7 (2 aulas cada), utilizando o programa *PowerPoint*, disponível no EVAM – Espaço Virtual de Aprendizagem -, fizeram as montagens dos contos sob minha orientação e com auxílio da professora do EVAM publicaram na rede.

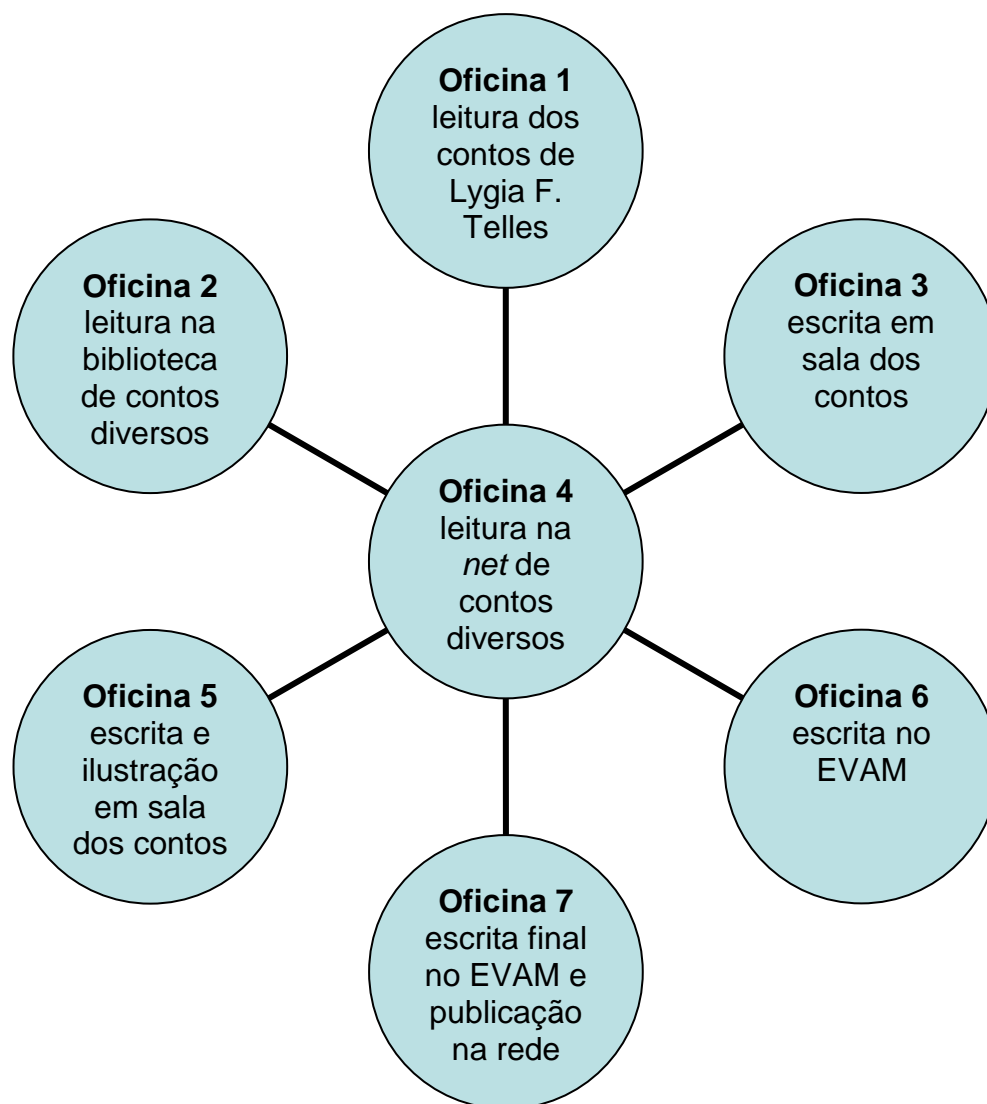


Figura 2 – Elaborado pelo autor.

⁶ Os termos *Internet*, *net* e *rede* são utilizados como sinônimos neste artigo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A escolha dos textos para análise seguiu dois critérios: 1º) só os contos findos foram analisados - mesmo critério adotado para publicação na *net*. Porém, como ainda assim teria 14 (quatorze) contos a serem analisados e o espaço neste artigo é reduzido, então recorri ao segundo critério: o conto que tivesse semelhança de tema e de assunto ficaria de fora. Sobraram seis contos (ver anexos de 1 a 6).

Como houve uma adaptação da modelização didática propostas pelos autores suíços (ver figura 1, p. 5), não houve produção inicial, apenas o produto final. Por isso, a análise dos dados será feita a partir de duas categorias: adequação ao gênero e a intencionalidade.

4.1 Gênero conto

A primeira categoria de análise pretende responder se os textos escritos pelos alunos são contos. Os escritos dos alunos não deixam dúvidas: todos os textos produzidos por eles podem ser considerados contos, pois mobilizam personagens implicados em acontecimentos organizados em um eixo do sucessivo, sustentados por um processo de intrigas. Vejamos as transcrições⁷ dos contos:

Conto do grupo 1

A árvore mágica

Uma vez, um menino muito pobre, estava andando na rua.

Então ele olhou para o chão e viu um saquinho fechado com uma cordinha, ele ficou muito feliz porque nunca tinha achado nada antes.

Muito contente ele foi logo abrindo o saco.

Adivinha o que tinha dentro.

Eram sementes, mas não era qualquer semente, eram sementes mágicas.

O menino sem saber que as sementes eram mágicas, foi para um lugar que ninguém conhecia.

Chegando lá foi logo plantar as sementes.

⁷ Os textos foram transcritos de acordo com o original dos alunos. Ver anexos de 1 a 6.

Ele pegou um copinho de água e foi plantar às sementes.
Após plantar as sementes despejou a água em cima e como já era tarde em seguida foi dormir.
No outro dia ao acordar ele teve uma surpresa, adivinha o que era.
Às sementes já estavam brotando.
Mas o melhor é que nos brotos estava nascendo notas de dinheiro.
O menino ficou tão feliz, e logo comprou uma casa e viveu feliz para sempre.

Conto do grupo 2

Um dia no palácio: buuuuuu

4 amigos Bruna, João, Vinicius e

Alice. Toda vez que eles iam para escola, eles passavam na frente de um palácio.

Certo dia eles resolveram matar aula para entrar no palácio. Eles achavam que lá tinha um tesouro, eles combinaram e foram para o palácio. Quando chegaram começaram a ouvir ruídos, e logo João falou:

- Melhor a gente sair daqui, nós não vamos encontrar nada!!!!
- Claro que vamos! Disse Bruna.
- É só nós procurarmos! Exclamou Alice.

E começaram a procura o tesouro. Todos se separaram, e foram um para cada lado.

Vinicius subiu a escada e ouviu um ruído:

- buuuuuuuuuuuuu!!!!!!

Vinicius deu um grito:

-ahhhhhhhh!!!! Socorro!!!

Bruna ouviu o grito, e começou a gritar:

-Vinicius!!! onde você está???

Ele retrucou..

-Estou aqui!!!

-A onde??

-Num lugar com a parede marrom...

-Vou tentar te achar...

Bruna foi andando e achou uma escada, e logo foi para o 2º andar.

• Ela viu o fantasma, saiu correndo e se pechou com Vinicius deu um beijo nele.

• João e Alice entraram em uma sala e acharam vários livros de bruxaria, sendo que um deles tinha um mapa

• Que mostrava onde tava o tesouro, eles pegaram o mapa e saíram da sala e deram de cara com Vinicius e Bruna.

- Que logo disseram:
- -Achamos o mapa do tesouro!!
- -Que bom!! Disse Bruna.

Todos foram juntos no porão,

Onde estava o tesouro.

Chegaram lá e começaram a procurar em baixo de papelões, dentro de armários, etc...

Encontraram ele dentro de um cofre, pegaram o tesouro e saíram correndo. Quando eles foram embora abriram o cofre e viram q tinha muitos papeis. de cartas.

Daí foram para suas casas tristes
Que não conseguiram nada. ...

Conto do grupo 3

Os preconceitos

Existia uma menina muito racista e preconceituosa.

Na escola então nem se fala, sua colega negra foi convidá-la para brincar.

E ela estúpida como sempre, respondeu:

- Sai de perto de mim sua negrinha, até parece que você está suja!

E um belo dia a menina branca foi passear com sua mãe, e a sua colega negra estava lá.

E a menina negra tinha uma boneca mais bonita do que a dela, e a menina branca pediu emprestada.

A menina negra sem reclamar emprestou, e a menina branca perguntou:

- Porque me emprestou a boneca sem reclamar o meu racismo?

Pois fui ensinada a perdoar os erros das pessoas.

E a menina branca aprendeu a nunca mais ter PRECONCEITOS.

Conto do grupo 4

A morte de um garoto

- Era uma vez 3 garotos que foram matar aula. Um deles estava devendo 50,00 para um traficante. Quando eles chegaram no centro um dos amigos do tal traficante correu e chamou o traficante.

- O garoto desconfiou e saiu correndo para dentro de uma loja e os outros 2 fugiram deixando seu amigo na mão.

Passou-se as horas o garoto saiu da loja correndo, o homem deu 3 tiros nas costas do garoto, ele morreu na hora.

Conto do grupo 5

Amigas e inimigas

Existia uma menina que se chamava Paula. Ela morava em uma cidade pobre que tinha uma grande inimiga que se chamava Tais e era rica e ela se sentia a tal, só que a pobre era mais bonita e a rica tinha muita inveja dela pela sua beleza e então a rica teve uma grande idéia fingir ser amiga da Paula.

E então elas se bateram na rua e a Tais, a rica, foi gentil com a pobre Paula e juntou as suas coisas e então ficaram grandes amigas e não se separaram mais, brincaram, pularam e correram muito e assim era todo dia. Então a Tais humilhou a Paula na frente de vários amigos ricos.

As amigas acabaram discutindo e a Paula saiu correndo, chorando e foi para casa.

Quando Paula chegou em casa sua mãe perguntou:

- O que houve minha filha?

E Paula balançou a cabeça e respondeu:

- Não houve nada, mãe.

E a mãe falou: - Como não, minha filha? Então porque você está chorando?

A Paula respondeu:

- Tá bom mãe, eu vou falar. É que a Taís se fingiu de minha amiga só porque ela tinha inveja da minha beleza, e hoje ela pegou e me humilhou na frente de todos os amigos ricos dela.

-Minha filha não dá bola, vai lá no banheiro e lava teu rosto.

Tem muitas pessoas ricas que se acham, mas porém tem muitas pessoas pobres e ricas que são humildes de coração.

E é por isso que a gente tem que cuidar muito bem com quem a gente anda, porque amigos de verdade não tem, só Deus, pai e mãe porque o resto é puro ódio!

Conto do grupo 6

A máquina do tempo

Numa cidade muito distante dois garotos que se chamavam Fred e Jack gostavam de brincar de caçar tesouros e acharam uma coisa muito misteriosa.

Logo se aproximaram e viram que esta coisa se parecia com uma máquina muito velha e suja só não sabiam para que servia.

E acharam uma carta que se referia aquela coisa dizendo que era uma máquina do tempo.

E então Fred descobriu como ligar a máquina e a programou para uma certa data que Jack nem desconfiava.

E então a máquina começou a brilhar e a soltar raios e eles entraram nela sem medo e desapareceram sumiram dali.

4.2 Intencionalidade

A segunda categoria de análise será a intencionalidade dos locutores. Entende-se intencionalidade como a capacidade que locutor possui de, através da língua, adequar o seu discurso à situação de linguagem. Por exemplo, no caso desta proposta metodológica com o gênero conto, esperava-se que os alunos escolhessem o melhor tipo de discurso para narrar os fatos e que utilizassem as formas verbais do passado. O conto do grupo 2 exemplifica:

Primeiro slide

“4 amigos Bruna, João, Vinicius e

Alice. Toda vez que eles iam para escola, eles passavam na frente de um palácio.

Certo dia eles resolveram matar aula para entrar no palácio. Eles achavam que lá tinha um tesouro, eles combinaram e foram para o palácio. Quando chegaram começaram a ouvir ruídos, e logo João falou:

- Melhor a gente sair daqui, nós não vamos encontrar nada!!!!
- Claro que vamos! Disse Bruna.

- É só nós procurarmos ! Exclamou Alice.”

Segundo *slide*

“E começaram a procura o tesouro .Todos se separaram , e foram um para cada lado.

Vinicius subiu a escada e ouviu um ruído:

- buuuuuuuuuuuuu!!!!!!

Vinicius deu um grito :

-ahhhhhhhh!!!! Socorro!!!

Bruna ouviu o grito, e começou a gritar:

-Vinicius!!!onde você esta???

Ele retrucou..

-Estou aqui!!!

-A onde??

-Num lugar com a parede marrom...

-Vou tentar te achar...

Bruna foi andando e achou uma escada, e logo foi para o 2º andar.”

E também o último *slide* do grupo 3:

“A menina negra sem reclamar emprestou,e a menina branca perguntou:

-Porque me emprestou a boneca sem reclamar o meu racismo?

Pois fui ensinada a perdoar os erros das pessoas.

E a menina branca aprendeu a nunca mais ter PRECONCEITOS.”

No segundo *slide* do grupo 1, há interação com o leitor, ainda que sem a pontuação⁸:

“Uma vez,um menino muito pobre,estava andando na rua.

Então ele olhou para o chão e viu um saquinho fechado com uma cordinha,ele ficou muito feliz porque nunca tinha achado nada antes.

Muito contente ele foi logo abrindo o saco.

Adivinha o que tinha dentro.”

Também houve preocupação em usar o padrão formal da língua como a preocupação com a crase indica:

“Ele pegou um copinho de água e foi plantar às sementes.”(grupo 1)

⁸ A pontuação não foi objeto de ensino durante as oficinas.

5 COMENTÁRIO FINAL

Acredito que os dois principais objetivos propostos na intervenção didática descrita aqui foram alcançados porque o modelo de sequência didática mostrou-se eficaz no ensino da escrita. Os contos falam por si. O segundo - tornar a leitura e a escrita prazerosas – também foi atingido, pois todos os grupos leram e escreveram - apenas dois grupos não publicaram seus contos porque não os concluíram.

Dentre alguns resultados imediatos observados, mas subjetivos, destaco o aumento da autoestima dos alunos ao acessarem os textos feitos por eles na *internet*. Também houve melhora significativa no processo de apropriação da escrita, uma vez que o gênero conto foi assimilado pelos alunos. Parece que o domínio do gênero conto fez bem àqueles alunos. Agora eles têm um canal de interação entre eles (alunos), entre professor-aluno, entre eles e o mundo.

Outro dado observado foi o aumento do número de livros lidos e também do número de páginas dos livros escolhidos para leitura. Isso se comprova pelo número de *slides* dos contos: variam de 3 a 7 (anexos de 1- 6). Para os alunos cada slide correspondia a uma página. E eles se esmeraram em criar mais *slides* e com o maior número de palavras que o colega⁹.

Os dados da análise sugerem que o desenvolvimento da sequência didática é produtiva e viável porque torna possível o professor trabalhar conteúdos formais (ortografia¹⁰, flexão verbal) e a produção textual ao mesmo tempo. De acordo com essa proposta, o ato de escrever deixa de ser um exercício que se encerra em si mesmo (entregar ao professor) e tornar-se uma forma de aprender, uma possibilidade de interação e também um prazer. Deve-se considerar também que mesmo sendo secundário o gênero escolhido para o desenvolvimento das sequências de oficinas, ainda assim foi possível desenvolver um trabalho prazeroso para mim, professor, e também para eles. Mas, acima de tudo, atribuiu significado à escrita.

⁹ Ver transcrição dos contos nas páginas 7-10.

¹⁰ O item ortográfico trabalhado foi a apropriação da desinência verbal de passado – *m* em oposição a desinência de futuro – *ão*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Os gêneros do discurso, p. 261-306.

BAZERMAN, Charles. *Gênero, agência e escrita*. Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006. p. 23-44.

BRONCKART, J. P. atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução: Ana Raquel Machado, Péricles Cunha – São Paulo: EDUC, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

ROSSI-LOPES et al (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. p.73-84.

SANTOS, L. W. Práticas de linguagem e PCN: o ensino de língua portuguesa. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; SANTOS, L. W.(Orgs.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 59-68.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução: Roxane Rojo e Glaís S. Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, G. M. M. da. *Prática de produção da escrita: um estudo da argumentação em textos de alunos da 5ª série*. Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Ritter dos Reis, Faculdade de Letras, Porto Alegre, 2009.

TELLES, Lygia F. Natal na barca e As formigas. In: *Venha ver o pôr do sol e outros contos*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1998.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Conto>, acessado em dezembro 2010.

Anexo 3



☼

1



☼

2



☼

3



☼

4



☼

5

Conto produzido pelo Grupo 3

Anexo 4



☼

1



☼

2



☼

3



☼

4

Conto produzido pelo Grupo 4

Anexo 5



1



2



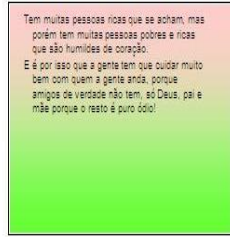
3



4



5



6

Conto produzido pelo Grupo 5

Anexo 6



1



2



3



4



5



6



7

Conto produzido pelo Grupo 6